

## **A EDUCAÇÃO E A FÉ NA DEMOCRACIA DO HOMEM COMUM: UMA LEITURA DEWEIANA**

**LEONOR GULARTE SOLER<sup>1</sup>; AVELINO OLIVEIRA<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [leonorgulartesoler@gmail.com](mailto:leonorgulartesoler@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [avelino.oliveira@gmail.com](mailto:avelino.oliveira@gmail.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

O projeto de pesquisa apresentado faz parte de um estudo sistemático acerca da escola experimental criada por John Dewey (1859-1952) e as contribuições que a experiência deweiana deixou para o mundo no âmbito educacional. Sua filosofia parte de dois conceitos centrais: experiência e democracia. Conceitos esses que direcionaram todos seus escritos e tiveram uma importância fundamental para o desenvolvimento de sua filosofia da educação.

O intuito é refletir sobre o conceito de democracia, que para o autor é muito mais que uma forma de governo, é a fé na capacidade dos seres humanos de dirigirem suas próprias vidas. Sua fé na democracia é marcada pelo ambiente em que viveu, que sempre foi animado pelo espírito democrático. Dewey, esclarece que, em primeiro lugar a democracia é um modo de vida guiado por uma fé ativa nas possibilidades da natureza humana. Isso representa a crença no homem comum, nas potencialidades da natureza humana independente de raça, sexo, família ou riquezas materiais e culturais. Em forma de leis, por escrito, de nada adianta essa fé, ela precisa estar assentada nas atitudes dos seres humanos uns com os outros em todas as relações do cotidiano.

### **2. METODOLOGIA**

A pesquisa, de caráter bibliográfico, foi amparada pelas seguintes obras de John Dewey: *Democracia e Educação* (1916), *Experiência e Educação* (1938) *Democracia criativa: a tarefa diante de nós* (1939), *Democracia Cooperativa: escritos políticos escolhidos de John Dewey* (2008), assim como alguns comentadores brasileiros.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A reflexão sobre a democracia significa, sem dúvida, um dos conceitos mais expressivos de toda a obra deweiana. A investigação que propõe este estudo ao mesmo tempo em que, se concentra no período do meio (1899-1924), ocasião em que aconteceu a primeira experiência educacional planejada por Dewey e desenvolvida com a ajuda de um grupo de professores na Universidade de Chicago, também encontra sustentação nas obras do período maduro (1925-1953), uma vez que, grande parte de suas obras, a partir de 1904, foram escritas alicerçadas nas reflexões desenvolvidas no período em que Dewey esteve na Escola de Chicago.

A fé inabalável que Dewey tem na democracia, segundo Amaral (1990), inicia em seu ambiente familiar, na organização democrática da comunidade congregacionalista a qual pertenceu e se desenvolve a partir de seu interesse pelo darwinismo (p.41). Ela acrescenta que quando Dewey “aceita a teoria de Darwin, ela é também fruto dessa maneira inter-relacionada de conceber os seres no mundo,

onde cada um cumpre, através de organização própria, uma função definida em benefício do equilíbrio do todo” (AMARAL,1990, p.41). Se percebermos a vida, no ângulo da teoria da evolução, não é a mais democrática que alguém pode um dia conceber? Sim, nos indica Amaral, “porque existe implícito aí um sentimento profundo de igualdade entre os seres e de ausência de distinção de *classes*, que é apanágio da maneira democrática de viver” (AMARAL,1990, p.41).

Dewey defende que a democracia é a fé na capacidade dos seres humanos de dirigirem as suas próprias vidas, livre de todas as imposições que venham de fora e sempre que estejam dadas as condições devidas. Franco e Pogrebinschi (2008) esclarecem que, em *O público e seus problemas* (1927), John Dewey aponta uma clara distinção entre democracia como uma ideia de vida social e a democracia política como um sistema de governo.

Para Dewey, “a ideia de democracia é uma ideia mais ampla e mais completa do que se possa exemplificar no Estado, ainda no melhor dos casos (DEWEY, 1927, p.15). Para que aconteça deve atingir todas as formas de associação humana, desde a família, escola, religião, indústria. A democracia no sentido máximo do conceito “na base da sociedade e no cotidiano do cidadão, só pode ser experimentada, pelo menos em escala mais ampla, no interior de regimes formalmente democráticos”(DEWEY, 1927, p. 16). Porém, não quer dizer que a democracia como sistema de governo seja menos importante que democracia como *modo de vida* visto que só é possível haver práticas participativas onde haja um sistema representativo funcionando. Assim, para Dewey, a democracia liberal é condição necessária para o exercício de novas formas de democracia radical.

Em *Democracia criativa: a tarefa diante de nós*, Dewey esclarece que, em primeiro lugar “a democracia é um modo de vida guiado por uma fé ativa nas possibilidades da natureza humana” (DEWEY, 1939, p. 138). Isso representa a crença no homem comum, nas potencialidades da natureza humana independente de raça, sexo, família ou riquezas materiais e culturais. Em forma de leis, por escrito, de nada adianta essa fé, ela precisa estar assentada nas atitudes dos seres humanos uns com os outros em todas as relações do cotidiano.

Também, a democracia é conduzida pela fé na capacidade dos seres humanos de julgamento e ação inteligentes quando lhes são dadas condições apropriadas. E, aos que o criticam, diz Dewey “de qualquer forma, não inventei essa fé. Eu a adquiri do meu ambiente, já que esse ambiente era animado pelo espírito democrático” (DEWEY, 2008, p.139). E acrescenta ainda “pois o que é a fé na democracia no papel de consulta, de conferência, de persuasão, de discussão, na formação da opinião pública, a qual a longo prazo é autocorretiva, senão fé na capacidade da inteligência do homem comum de responder com bom senso ao livre curso dos fatos e ideias que são asseguradas por garantias efetivas de livre investigação, livre reunião e livre comunicação” (DEWEY, 2008, p.140).

Uma terceira possibilidade apresentada por Dewey para justificar sua fé na democracia consiste em um modo de vida guiado pela fé pessoal no cotidiano de trabalho conjunto com mais pessoas. Para ele, democracia é a crença de que, mesmo quando as necessidades são diferentes para cada indivíduo, o hábito de cooperação amigável é em si um avanço valioso para a vida. Resolver os conflitos pela discussão e inteligência significa tratar aqueles que discordam de nós como pessoas com quem podemos aprender, e se possível, como amigos.

Segundo Cunha (2001), para Dewey, persistem alguns equívocos na história para justificar a democracia. Alguns teóricos tentam justificá-la com base no funcionamento psíquico dos indivíduos apoiando-os no momento histórico específico

em que foram preparados, nesse caso, pode ser buscado tanto no impulso para a cooperação, como também, em um impulso de competição. O segundo erro é justificar a democracia no capitalismo. Atribuir os fundamentos desse regime econômico a natureza humana entendendo que o espírito competitivo faz parte das inclinações essenciais do homem, segundo Dewey, é uma tentativa mal intencionada (p.50). Um terceiro motivo de engano é a justificativa sustentada na existência de um suposto espírito cooperativo, um impulso inicial para a solidariedade, isto é novamente um apelo a natureza humana, o qual Dewey rejeita (p.51).

Nesse sentido Cunha (2001) esclarece que, “aqueles que procuram justificar a democracia apelando para algum tipo de instinto de cooperação, bondade ou solidariedade” (p.51), acreditando que tais elementos da natureza humana possam sustentar a necessidade de instituições democráticas, “nada mais faz do que empregar o mecanismo de idealização fantasiosa a que Dewey se refere” (CUNHA, 2001, p.52). É o mesmo que “dizer que precisamos de democracia para atingir algum estado ideal em que a verdade sobre o homem e o mundo encontra-se alojada, apenas aguardando que as pessoas obtenham a revelação para chegar lá” (CUNHA, 2001, p.52). Por conseguinte, podemos entender que, para Dewey, nenhuma teoria da natureza humana justifica a democracia.

Cunha (2001) acrescenta que a democracia só faz sentido como imperativo moral. É um erro pensar que sua definição possa estar atrelada a um imperativo psicológico ou filosófico. Ela é algo que queremos que aconteça porque julgamos que é a vida democrática que faz com que a experiência humana seja produtiva e por ser o único modo de vida que nos possibilita um crescimento individual e coletivo (CUNHA, 2001, p.53).

#### 4. CONCLUSÕES

Por fim, Dewey nos esclarece que para que o projeto democrático possa dar certo é necessário utilizar uma poderosa ferramenta: a educação. Porque, diferentemente do que pensavam os liberais, que nossos instintos nos conduziram automaticamente a instituições democráticas, é na educação que se conservam alguns valores e se revisam outros (CUNHA, 2001, p.53). Sendo assim, nada garante a democracia, somente nosso estímulo para que ela exista, estímulo que se instaura nos processos educativos na escola.

Portanto, para o filósofo-educador, segundo Cunha (2001), “não precisamos de uma teoria sobre a natureza humana para desenvolver a luta pela democracia, o que precisamos é acreditar que potencialidades humanas são elaboradas – descobertas ou criadas – no decorrer desse processo” (p.54). É o potencial humano que tem o poder de articular uma ordem social.

A forma democrática como os gregos estruturaram sua vida social e o modo como delinearam sua formação educacional reconstruída e atualizada por Dewey representa uma maior possibilidade de participação democrática com atuação eficaz na reedificação da vida social. A preocupação verdadeira do filósofo com o aluno, o professor e a sociedade como um todo, sustentou a vivacidade de seu pensamento e o tornou suscetível a adaptações ainda hoje. A riqueza de suas ideias retrata a certeza de que os problemas educacionais atuais, embora apresentem outra roupagem, em sua natureza são os mesmos: o ser humano.



## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, M. N. de C. P. **Dewey: Filosofia e experiência democrática**. São Paulo: Perspectiva: Ed. da Universidade de São Paulo, 1990.
- CUNHA, M. V. **John Dewey a utopia democrática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- DEWEY, J. **A escola e a sociedade/A criança e o currículo**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Democracia e Educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- \_\_\_\_\_. **Democracia e Educação: capítulos essenciais**. São Paulo: Ática, 2007.
- DEWEY, J. \_\_\_\_\_. Democracia Criativa: a tarefa diante de nós. In: FRANCO, A., POGREBINSCHI, T. **Democracia Cooperativa: escritos políticos escolhidos de John Dewey**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. Cap.6, p. 135-142.
- FRANCO, A.; POGREBINSCHI T. **Democracia Cooperativa: escritos políticos escolhidos de John Dewey**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.